

LEALDADE (1997), DE MÁRCIO SOUZA: OS ESPAÇOS NARRATIVOS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AMAZÔNICA

Maria Cláudia de Mesquita (UNESP/Assis/SP)¹

Benedito Antunes (UNESP/Assis/SP)

Resumo: O romance “*Lealdade*” (1997), de Márcio Souza, apresenta as memórias e a trajetória do protagonista pelos territórios portugueses, com destaque para a região da Amazônia brasileira chamada de Grão-Pará e Rio Negro, no século XIX. Cada lugar influencia o protagonista e suscita a recorrente dúvida: ser leal a quem: portugueses, brasileiros ou paraenses? O espaço em que herói se encontra determina suas reflexões em relação à identificação com sua terra natal. O objetivo deste trabalho é apresentar como os diferentes espaços narrativos contribuem para a trajetória de construção da identidade do protagonista, caracterizando este texto como um romance de formação do homem, de acordo com as considerações de Bakhtin.

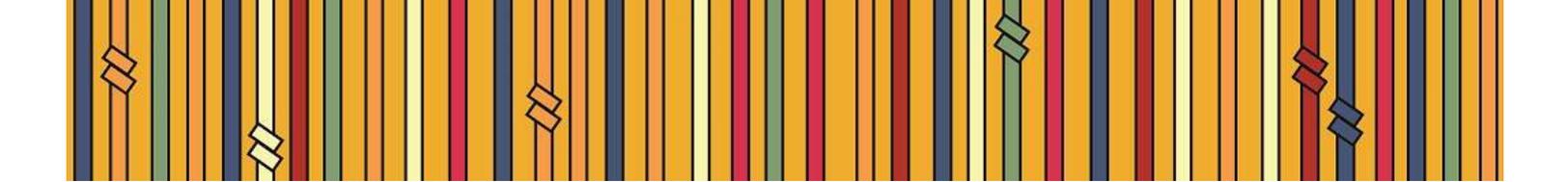
Palavras-chave: Márcio Souza; Identidade; Romance histórico; Espaço narrativo.

O romance histórico é um gênero híbrido que apresenta uma releitura ficcional do passado, sem ter, desta forma, um compromisso com a historiografia tradicional. Assim, a ficção pode dar voz aos que supostamente vivenciaram os acontecimentos, ou poderiam ter sido agentes da história. Desta maneira, no romance histórico de Márcio Souza, intitulado *Lealdade*, o narrador-protagonista é um homem comum, criado na e para a ficção, que poderia ter lutado até perder a sua vida para conseguir que seu território fosse uma nação livre e independente.

Assim, o romance histórico já promove uma viagem para o leitor em relação ao tempo, por apresentar uma narrativa que se passa em um período histórico distante, de 1783 a 1840. Neste trabalho destaco os aspectos espaciais e a questão do exílio no romance histórico *Lealdade*, do escritor amazonense brasileiro Márcio Souza, em que a narrativa apresenta as memórias do protagonista Fernando Simões Correia e sua trajetória pelos territórios portugueses, com destaque para a região da Amazônia brasileira chamada de Grão-Pará e Rio Negro, no século XIX.

A narrativa é apresentada como as memórias de um homem maduro e que busca recordar as ações vividas e os caminhos percorridos em sua formação. O protagonista é militar, filho de portugueses, nascido no Grão-Pará e que oscila entre identificar-se com os ideais portugueses, paraenses ou do Império do Brasil.

¹ Graduada em Letras (UNESP/Assis), Mestre em Letras – Literatura e Vida Social (UNESP/Assis), Doutoranda em Letras (UNESP/Assis). Contato: mariacmesquita@hotmail.com



Os diferentes espaços influenciam os sentimentos do protagonista e a valorização do espaço europeu – terra natal de seus pais (Portugal) – não se mantem após as reflexões e sua vivência por lá. A identificação com o território paraense também é dificultada pela sua relação com o “outro”.

Ao lado deste protagonista comum, chamado Fernando Simões Correia, que apresenta conflitos identitários e dilemas pessoais, aparecem os personagens históricos ficcionalizados que nos remetem aos aspectos da história tradicional da Cabanagem. Esta ficcionalização, segundo Seymour Menton (1993), é um dos aspectos que caracterizam este como “novo romance histórico”.

Este romance é o volume um da tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* e foi vencedor do prêmio Jabuti em 1997. Ao idealizar esta tetralogia, Márcio Souza faz uso de suas pesquisas históricas sobre a incorporação deste território ao Império do Brasil e opta por apresentar em cada romance o ponto de vista de diferentes personagens que poderiam ter participado desta fase histórica (1783 – 1840). Estes romances de Márcio Souza surgiram de suas inquietações históricas e do desejo de retratar uma região que fora deixada à margem da história, fazendo, portanto, um necessário resgate de sua memória, conforme mencionado pelo autor em diversas entrevistas.

A Guerra dos Cabanos, ocorrida entre 1835 e 1840, modificou o ambiente em que os personagens viviam, fazendo com que se distanciassem de Belém, em fugas arriscadas, mas o período que antecedeu esta guerra trouxe também mudanças comportamentais como o amadurecimento psicológico e intelectual do protagonista Fernando que nasceu em novembro de 1783, em Belém, e foi assassinado em outubro de 1834. A informação sobre sua morte é obtida no segundo volume, *Desordem*. O protagonista do primeiro romance é um rapaz rico e imaturo que passou a infância sob os cuidados exclusivos de sua mãe em Belém, pois seu pai durante anos trabalhou com pesquisas botânicas no exterior. Fernando vai para Lisboa para formar-se como militar e inicialmente pensa em servir à pátria portuguesa, mas seus amigos o fazem refletir se aquela era mesmo a sua pátria, o que faz com que surjam no personagem conflitos de identidade – seria ele paraense, português ou brasileiro?

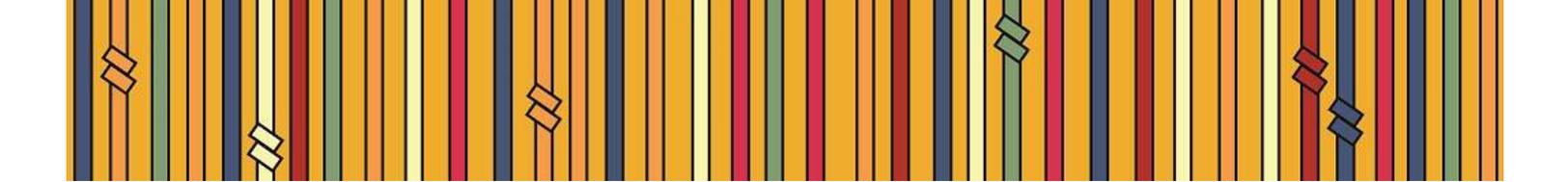
Cabanagem (1835-1840) – Grão-Pará e Rio Negro: História para a ficção

O Estado do Grão-Pará e Rio Negro surgiu em 1772 quando o Marquês de Pombal decidiu subdividir o Estado do Grão-Pará e Maranhão em dois, pela Carta Régia de 20 de agosto do referido ano. A divisão consistia no Estado do Grão-Pará e Rio Negro, com sede em Belém, e o Estado do Maranhão e Piauí, sediado em São Luís. Mesmo com tal divisão, ambos continuariam a receber ordens diretamente de Lisboa. O primeiro governador deste novo Estado foi o capitão-general João Pereira Caldas (PONTES FILHO, 2000, p. 94).

Mesmo após a independência do Brasil de Portugal, em 1822, que elevou à condição de província as antigas capitanias, o Amazonas (Capitania do São José do Rio Negro) continuou sem governo próprio, sendo submetido ao comando do Pará. Em 1823, O Estado do Grão-Pará adere ao Estado Nacional Brasileiro e desvincula-se de Portugal. Diante desta situação política e das adversidades sociais e econômicas enfrentadas pela população, culmina em 1835 com a Revolta dos Cabanos ou Cabanagem, que foi a maior e mais popular rebelião ocorrida na história da Amazônia, reunindo uma massa de negros, índios, tapuios e caboclos descontentes (PONTES FILHO, 2000, p. 98).

A Guerra dos Cabanos ou Cabanagem ocorreu na província do Grão-Pará entre os anos de 1835 e 1840, conseguindo unir amplos setores sociais, como escravos foragidos, camponeses, índios, mestiços, trabalhadores independentes e até parcelas da elite local. Os mais pobres eram maioria e os mais dedicados à rebelião por serem violentamente explorados pelas autoridades governamentais, além de viverem em estado de quase absoluta miséria. Eles eram chamados de cabanos por morarem em cabanas simples cobertas por palha à beira dos rios. O termo cabano também é utilizado para designar o chapéu de palha utilizado pela população mais humilde na Amazônia, segundo a historiadora Magda Ricci. (RICCI, 2007, p. 6).

A província do Grão-Pará, na época da Cabanagem, compreendia o atual Pará e a comarca do Rio Negro, hoje Estado do Amazonas. Até 1772, quando esta região se tornou independente do Maranhão, ocorreram poucos contatos com o Rio de Janeiro, já que seu governo era nomeado diretamente pela metrópole portuguesa. As atividades econômicas baseavam-se no extrativismo dos produtos da floresta amazônica e em uma pequena produção de tabaco, cacau, algodão e arroz. O comércio, feito basicamente



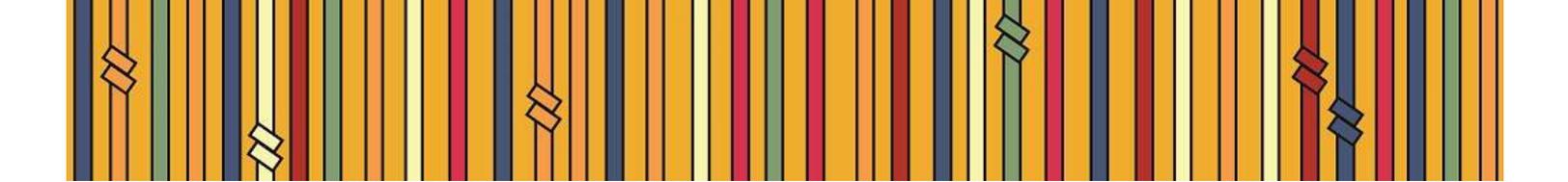
através do porto de Belém, estava sob o virtual monopólio dos portugueses e de alguns negociantes ingleses (MOTA, 1997, p.393).

Grande parte da população da província desejava a volta de D. Pedro e não reconhecia o governo regencial, o que acabou gerando, após a abdicação do imperador, manifestações contrárias às interferências do Rio de Janeiro na administração local. Muitos lutavam contra o mercantilismo secular, eram anticolonialistas e buscavam um patriotismo, uma identidade própria. Em 1832, um levante armado impediu a posse de um governador nomeado pela regência e reivindicou a expulsão dos portugueses, responsabilizados pela miséria reinante. Em 1833, o novo governador, Bernardo Lobo de Souza, administrou a província de forma rígida, perseguindo e deportando os revoltosos. Com tais atitudes, o clima de tensão intensificou-se na região incentivando novas manifestações. Os cabanos buscaram, em 26 de agosto 1835, comunicar suas ideias em um documento chamado Manifesto dos Cabanos que era destinado a toda a população, como pode ser observado neste fragmento:

Saibam, pois, o governo geral e o Brasil inteiro que os paraenses não são rebeldes; os paraenses querem ser súditos, mas não querem ser escravos, principalmente dos portugueses; os paraenses querem ser governados por um patricio paraense que olhe com amor para as suas calamidades e não por um português aventureiro como Marechal Manoel Jorge; os paraenses querem ser governados com a lei e não com a arbitrariedade, estão todos com os braços abertos para receber o governador nomeado pela regência, mas que seja de sua confiança (apud MOTA, 1997, p. 392).

Em 1835, a cidade de Belém foi ocupada pelos cabanos que executaram o governador da província. Surgiram lideranças populares, como os irmãos Vinagre, Eduardo Angelim, o cônego Batista Campos e Félix Antônio Malcher. Camadas marginalizadas impulsionaram a radicalização do movimento e as tropas enviadas pela regência não conseguiam reprimi-los. Félix Antônio Malcher, um dos líderes rebeldes, assumiu o governo do Pará, sendo aclamado pelo povo e com o consentimento de D. Pedro II, que permitiu que os cabanos pudessem ter seu governante “brasileiro” escolhido até a maioria do regente.

Os conflitos internos começaram a enfraquecer o governo cabano: a elite decidiu abandoná-los por não concordar com as atitudes radicais tomadas, mas, principalmente, por temer que a popularização do movimento prejudicasse seus interesses econômicos.



Assim, passou a apoiar as forças repressoras. Malcher foi executado pelos cabanos por ter apoiado a aristocracia rural, já que, após ser empossado em sete de janeiro de 1835 e jurar perante a Câmara que prestaria serviços à causa brasileira, pediu paz ao povo e para que trocassem suas armas pelas ferramentas agrícolas. Além disso, demitiu todos os funcionários públicos e contratou outros de sua confiança, com salários maiores, mandando apreender todo o armamento da Marinha. Tais medidas, porém, eram inconstitucionais.

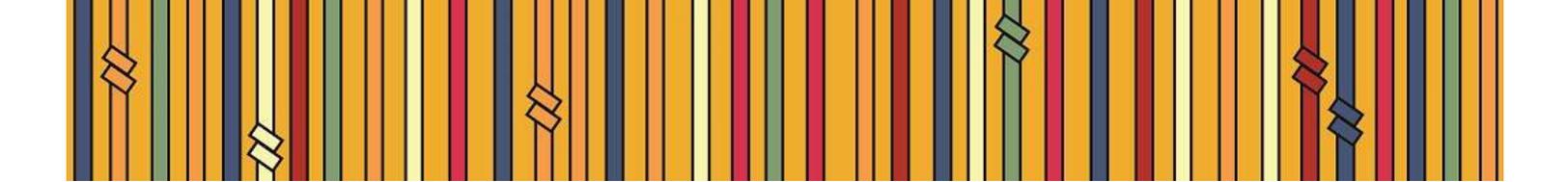
Para pagar aos soldados que estavam há meses sem salário, Malcher pegou as moedas chamadas Cuiabá, que estavam em desuso em todo o território e reduziu seu valor a um quarto, utilizando-as para pagar os militares. Mesmo com uma administração confusa e contraditória, Malcher acreditava que a luta dos cabanos havia chegado ao fim após sua posse, mas isto, evidentemente, não era consenso entre a população.

O almirante inglês Taylor foi enviado com novas tropas para a cidade de Belém, a serviço do governo central, onde venceu os cabanos devido ao enfraquecimento momentâneo do movimento. No entanto, Eduardo Angelim comandou um exército de rebeldes composto de três mil homens que retomou a capital, proclamou a República e separou a Província do Pará do Império.

O governo de Angelim era popular e revolucionário, o que trouxe grande esperança à população mais pobre. Angelim tomou medidas drásticas, como a decretação de morte à surra e fuzilamentos para punir escravos, homens livres, negros e índios que eram acusados de ter “lavado mãos em sangue inocente” (RICCI, 2007, p. 21). Com o apoio da igreja católica, ele ajudou muitos comerciantes e moradores legalistas a fugir de Belém.

Em 1836, Angelim também foge de Belém pela baía de Guajará, na foz do Amazonas, passando pelas embarcações imperiais sem ser percebido, durante uma torrencial tempestade. Devido ao isolamento da província, foi difícil resistir aos sucessivos ataques das tropas do governo central, chefiadas pelo General Soares de Andréa: em 1840 chegou ao fim a Guerra dos Cabanos, fazendo desaparecer os sonhos do povo de ver concretizado um programa democrático e radical.

Esta fase de lutas e conflitos desencadeiam os maiores conflitos identitários no protagonista do romance. Neste período, os revoltosos espalharam-se por todo o interior do Grão-Pará e Rio Negro. Cada povoado tinha seus líderes e a natureza como sua aliada,



porque a conheciam bem e souberam usar isto a seu favor, tanto para a defesa quanto para o ataque. Estima-se que nesta época a população provincial era de cem mil habitantes e que durante a Cabanagem o número de mortos foi superior a trinta mil (MOTA, 1997, p. 394). A Guerra dos Cabanos foi motivada pelo desejo separatista de tornar-se um território independente com um governante nativo/paraense. Acreditava-se que uma administração local traria mais benefícios a todos.

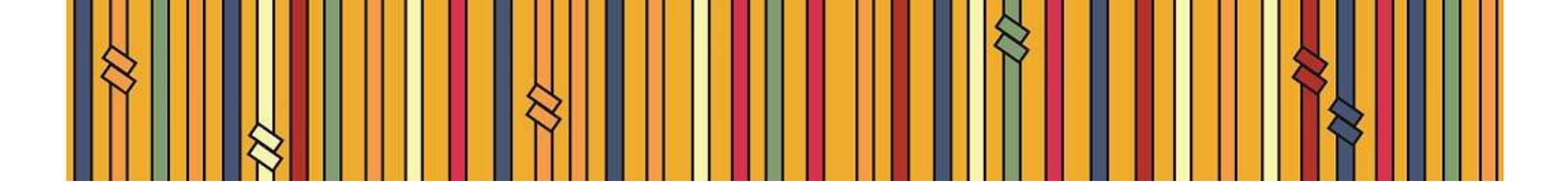
Período de estudos em Portugal

Ao recordar-se do período de estudos para engenheiro militar em Portugal inicialmente afirma que não saía muito, mas acaba confessando que ao mudar-se para um quarto na Alfama, alugado por seu padrinho Dr. Alexandre, seus hábitos modificaram-se. Na companhia do Doutor Alexandre, saía para as tabernas do Cais de Santarém ou da Calçada do Carmo e ouviam fados. E confessa: “o doutor Alexandre queria mesmo era a agitação das bodegas imundas da Rua Nova do Almada, ou da Baixa, as esperas de touros no Lumiar, no Arco de Cego ou na horta junto ao palácio das Galveias.” (SOUZA, 1997, p. 38).

Em 1807, Fernando decepciona-se pela saída da monarquia portuguesa em direção ao vice-Reino do Brasil. Primeiro porque ele acreditava que deveriam permanecer devido a tradição guerreira de Portugal e segundo por não terem escolhido o Grão-Pará, como afirma: “Era minha convicção, na época, que, ao contrário dos brasileiros, os portugueses americanos do Grão-Pará tinham demonstrado sempre o mais completo amor filial a Portugal.” (SOUZA, 1997, p. 40)

Esta afirmação do personagem reforça como ele estendia aos seus conterrâneos o seu próprio sentimento nesta fase de juventude. Esta confissão traz ainda a questão do “outro” e do distanciamento entre as pessoas do vice-Reino e as do Grão-Pará, geograficamente, entre o sul e o norte do Brasil, não havendo neste período uma visão de nação única. A oposição entre brasileiros e americanos portugueses também demonstra uma relação mais próxima dos habitantes do Norte com Portugal, o que também era desejado e esperado pelo Fernando.

A questão da identidade oscila constantemente no romance, pois, na infância, em Grão-Pará, Fernando era visto e se via como português, devido aos seus pais e, por isso,



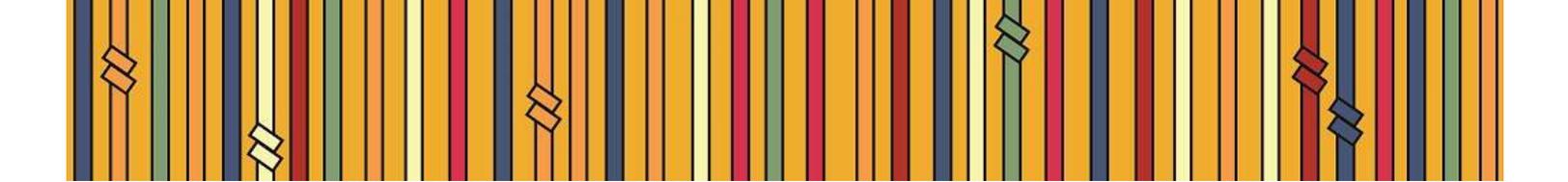
decidiu ir estudar em Lisboa e tornar-se um militar para servir ao seu país, no entanto, em Portugal ele era visto como paraense, aquele nascido em colônia portuguesa. O espaço em que o personagem se encontra gera sempre um desconforto, há uma constante busca de identificação com “outro” e isto ele nota ao afirmar:

Nos cinco anos em que vivi em Lisboa, não fiz nenhum amigo na escola. Embora filho e neto de gente do Ribatejo, eu era natural de Belém do Pará, onde meus pais tinham decidido morar. Por isso, e porque sou naturalmente muito fechado, ou porque falava com a suavidade do falar paraense, meus colegas de escola e de caserna me tratavam com certa desconfiança, como se eu fosse um estrangeiro. (SOUZA, 1997, p. 40-41).

O período em Lisboa proporciona um amadurecimento para Fernando, mesmo que sua convivência social tenha sido maior com seu padrinho, o Doutor Alexandre, que também era nascido na colônia, mas em Salvador – Bahia, e buscava lugares em Lisboa que o fizessem lembrar de sua terra natal como o bairro Alfama.

Esta situação está relacionada a afirmação de Edward Said (2003) sobre o exílio: “Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido muito agudo, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal. ” Estes sentimentos de “estar deslocado” e por sentir-se “fora do grupo” acompanham o protagonista nos mais diferentes lugares que ele esteja, seja convivendo com os portugueses, ou os paraenses, ou os indígenas ou os franceses. A sua identificação não se estabelece facilmente em relação ao “outro”. A questão do nacionalismo é o que o leva a lutar e engajar-se em um grupo, identificando-se com os ideais libertários.

Algumas ruas e lugares conhecidos em Lisboa são citados para descrever o caminho que fez para chegar até a casa ou para ir à casa do padrinho, como por exemplo, a Ladeira do Castelo, a Ladeira do Chiado, o Rossio, o Largo do Comércio, o Tejo, a Rua da Prata, a Reboleira, o palácio da Fronteira e garantem verossimilhança à narrativa, além de proporcionar ao leitor um passeio por Lisboa, mesmo que, naquele momento o clima não fosse o mais agradável para o personagem, mas ele tinha conseguido chegar no local idealizado.



Período de amadurecimento em Grão-Pará e Rio Negro

Após a fuga da família real portuguesa e por correr risco se continuasse em Portugal, o protagonista regressa ao Grão-Pará e a descrição da natureza é valorizada, como ao contar sobre seu banho no rio:

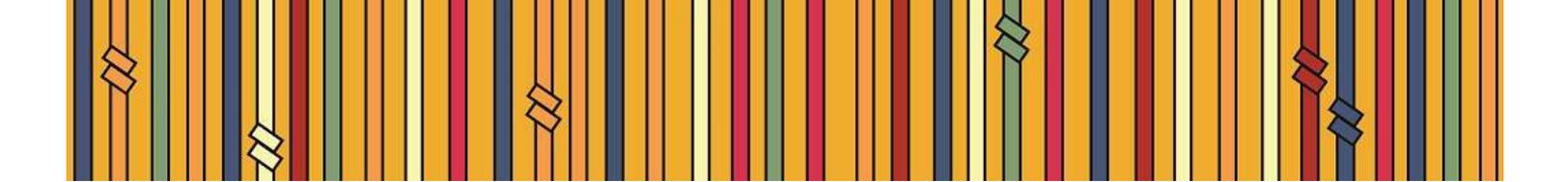
A água estava aconchegante, tépida e cristalina, se podia ver os peixinhos coloridos nadando sem medo entre minhas pernas, a areia fina e branca do leito pontilhada por seixos vermelhos bem polidos. Nadei quase meia hora, e depois me deitei na praia, vendo o sol se levantar por trás de um maciço de palmeiras inajá, açazeiros e pupunheiras. (SOUZA, 1997, p. 50).

O hábito de banhar-se no rio, que era típico dos paraenses naquela época, é observado pelo protagonista ao chegar à cidade, mesmo sem se dar conta de que já havia feito o mesmo ao chegar em sua terra natal.

As modificações feitas na cidade também chamam sua atenção por terem deixado Belém com ares de capital, com as ruas calçadas e uma “muralha e um baluarte entre a bateria de Santo Antônio e o Reduto de São José, fazendo uma só fortificação.” (SOUZA, 1997, p. 51).

Antes da guerra o cenário em frente à casa dos pais de Fernando em uma fazenda, era descrito positivamente, como neste trecho: “Eu já tinha me esquecido das noites de lua da minha terra, e me deixava fascinar pelo jardim banhado de prata, as folhagens reluzindo de gotas de orvalho, a escuridão trazendo para perto os mistérios da floresta.” (SOUZA, 1997, p. 59). Retornar e observar aspectos naturais em sua terra encantava o protagonista.

As paisagens e os espaços descritos durante o período da Guerra dos Cabanos não são detalhados e há apenas a menção ao local devido a narrativa estar evidentemente centrada nas ações. As lembranças de Lisboa são positivas por representarem uma época da juventude do protagonista em que os sonhos e a idealização política ainda estavam envoltas em inocência e pouca criticidade. Com o passar do tempo, as reflexões e o amadurecimento do protagonista Fernando, as descrições do espaço modificam-se como ao observar as pessoas com fogos acesos dentro de casa, iluminando-as, fazendo com que o personagem enxergasse uma cidade com vida própria:



Algumas vezes, ao regressar do forte da Barra, eu caminhava por essa alameda de espantos, imaginando que Belém era como uma criatura, possuía um organismo e a capacidade de saciar seus próprios apetites. Sentia, no entanto, um mal-estar. Uma sensação indefinida que se instalava ao imaginar essa biologia para a cidade. (SOUZA, 1997, p. 143).

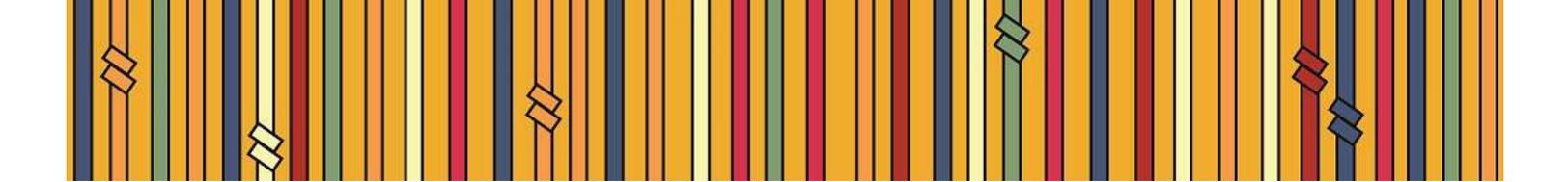
O protagonista vai modificando-se com o passar do tempo e com as mudanças de lugar, regressar a sua terra o leva a comparar os lugares, as ações e suas próprias atitudes em comparação com Lisboa e o amadurecimento o leva a perceber que seria um paraense. Após esta definição decide lutar pela independência de sua terra natal, mesmo que esta conquista tenha sido temporária.

Considerações finais

Os espaços influenciam o personagem e o fazem refletir sobre a sua identidade, mesmo que ele sempre se sinta como um exilado – mesmo que por escolha, pois ao viver em Lisboa a decisão e o desejo de estar em outro território eram dele. O sentimento de não-identificação surge em relação ao outro porque ele busca identificar-se com os europeus, mas é negado por eles e só encontra apoio com os paraenses quando decide lutar contra a dominação portuguesa.

Fernando sempre tinha o poder de escolha em relação ao espaço em que vivia e, mesmo assim, não se identificava com o espaço. Quando consegue um território independente tanto de Portugal quanto do Império do Brasil há uma identificação com o local, mas tem que lidar com a negação da francesa por quem se apaixona e que descobre que sua amada realizou um aborto, segundo as palavras de Simone, para não “ter um filho nativo desta merda de terra”. (SOUZA, 1997, p. 127).

Simone afirma ainda durante uma discussão com Fernando: “- Eu não sou portuguesa, entendes? Eu venho de um país civilizado. Como poderia ter um filho dessa merda de terra? Como? Como? ” (SOUZA, 1997, p. 127). Há uma valorização da cultura/civilização francesa em relação a portuguesa e Fernando é levado a pensar sobre suas origens e como isto impossibilitou inclusive que ele pudesse ter um descendente, ainda mais que nascesse em território paraense como ele.



A reflexão em relação a sua terra o fez identificar-se com os índios, tratando-os como seus companheiros e pensando em como eles também seriam no futuro exilados naquela terra:

E olhei com novos olhos os dois jovens índios, meus companheiros. Sim, meus companheiros. Porque eles também logo serão exilados e estrangeiros nesta terra que já foi o reino de sua raça. Os índios em breve estarão aqui tão deslocados quanto todos nós e já não haverá mais do que a beleza do desespero. (SOUZA, 1997, p. 190).

Todas as atitudes modificam-se com o enfrentamento em relação ao espaço e isto configura este como um romance de formação, segundo Bakhtin (2003), por apresentar a trajetória de transformação do herói. (MESQUITA, 2009, p. 91).

A identidade do protagonista Fernando Simões Correia vai sendo construída em seu embate com o espaço em que ele se encontra e sua relação com o “outro”. O confronto com os portugueses, os franceses, os índios e os paraenses o fazem refletir sobre a própria identidade neste contexto de colônia portuguesa.

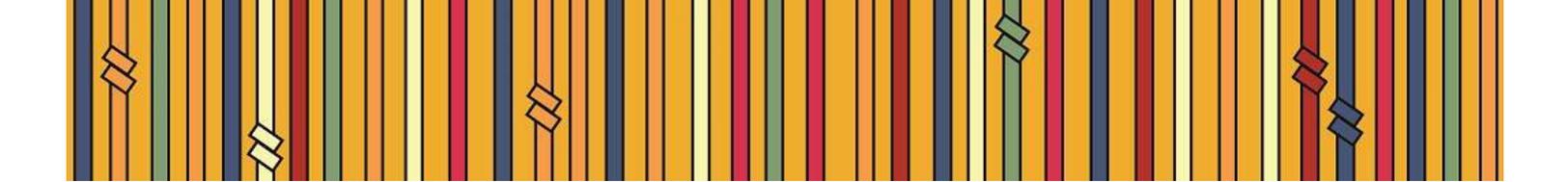
Cada oportunidade do herói em comparar-se com o “outro” – observando, refletindo e reconhecendo aspectos convergentes e divergentes - favorece diferentes reflexões sobre sua própria personalidade e o levam a modificar seu sentimento de exilado na colônia para aquele que pode ser um político e conquistar um território independente.

Este período de lutas e tomada do poder o conscientizam sobre sua identidade amazônica, valorizando e se identificando com a população, os costumes, os hábitos, a natureza e a cultura local. No entanto, em seguida, a decepção pela incorporação do Grão-Pará ao Reino Unido do Brasil traz ao protagonista o sentimento de frustração pela não duração da independência do local idealizado, sua terra natal.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MENTON, S. *La nueva novela de la América Latina: 1979-1992*. México: FCE, 1993.



MESQUITA, M.C. *Literatura e História: uma leitura de Lealdade* (1997), de Márcio Souza. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL - UNESP, 2009.

MOTA, M. B. *História: das cavernas ao terceiro milênio: volume único*/ Myriam Becho Mota, Patrícia Ramos Braick. São Paulo: Moderna, 1997.

PONTES FILHO, R. P. *Estudos de história do Amazonas*. Manaus: Valer, 2000.

RICCI, M. *Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840*. In: Tempo. 11 (22): 5-30, 2007.

SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, M. *Lealdade*. São Paulo: Marco Zero, 1997.